



ACM foi “Malvadeza”, usou ironia e, raras vezes, emocionou-se

ACM afunda atirando

Antonio Carlos renuncia e reincorpora fama de malvado

Ao fazer o discurso de 20 páginas anunciando sua renúncia ao mandato, o senador Antonio Carlos Magalhães abandonou o papel de homem cordial com que buscou, inutilmente, apoio dos seus pares. Ontem, reassumiu a agressividade que o notabilizou e o distinguiu nos 47 anos de carreira política. Excetuados os raros momentos de emoção quando, por exemplo, referiu-se à memória do filho Luís Eduardo Magalhães, ele xingou os adversários, criticou o governo e tentou fazer da renúncia um trampolim para a sua volta: “Retornar à Bahia é recuperar o ânimo e as forças para voltar, em breve, a esta Casa. Ou além dela.” Fora isso, ACM atirou em várias direções. Mirou direto no presidente Fernando Henrique, a quem acusou de ter “ vaidade excessiva”. Atirou a esmo no governo: “Ninguém é capaz de dizer como foram empregados os recursos das privatizações.” E despejou insinuação maldosa sobre o governo dos tucanos: “E daí? Escondem-se os rombos e os escândalos? Por quê? Estamos na república dos avestruzes?” Por duas ou três vezes, dirigiu-se ao senador Jader Barbalho, presidente da Mesa do Senado, que decidiria agora o processo de cassação. Antonio Carlos disse que não poderia depender do “voto

de Minerva” de Jader para ser “oficialmente condenado” ou para obter uma “absolvição comprometora”. E explicou: “Não me ficaria bem, depois de tantas acusações sérias que fiz contra Vossa Excelência, depender de sua benesse para continuar senador.” ACM bateu duro, mas, ao descer da tribuna e cruzar a porta do gabinete, desabou em choro. (Páginas de 2 a 13)